

RODA DE CONVERSA

TEMA: MÚSICA BRASILEIRA

Participantes: Maurício Toco, Márcia Mah, Joaquim Moreno, Zeca Colares e Carlos Madia

Texto resumido por Jorge Antunes

Sorocaba, 15 de outubro de 2015.

Música Brasileira

Maurício: Mencionou o Joca e o grupo Tudo Azul. Mencionou Cerestras. Mencionou De Olho no Som. Mencionou Catavento. Mencionou Teatro Off

ZC: A viola é a realidade de todo o Brasil. Está na casa de todos os brasileiros mas poucos levantam a sua bandeira. A música regional ainda existe mas tem um público cada vez menor. Sorocaba não é uma cidade que tem espaço para a viola. Uma cidade de 700.000 hab tem pouquíssimos violeiros ou poucas pessoas que assumem a viola como uma manifestação da sua raiz.

Carlos Madia para Zeca: Você acha que poderia haver uma provocação para a nova geração para estimular o uso da viola? Poderíamos causar encontros entre, por exemplo, Monoclub e você.

ZC: Acho isso muito válido. Nas gestões passadas, ouvi que viola era uma coisa menor, marginal. Faltam encontros que tratem disso sim. Da mistura. O caipira de hoje faz faculdade, viaja por alguns países. Estamos inseridos em outro contexto. Pessoas como Jeca Tatu não existem mais. As pessoas associam a viola a esse tipo de caipira. Na africa a música caipira, quando levei pra lá, foi recebida com espanto e admiração.

Carlos Madia. Deve haver mais insistência com a viola.

ZC: A viola é um instrumento versátil que aceita praticamente todos os estilos populares brasileiros.

Marcia Mah: Quando lancei meu primeiro cd num projeto chamado Prata da Casa no SESC Pompéia, o curador ao me resenhar escreveu que eu vinha de uma região pouco representada. Isso era em 2000. Hoje a cidade vive um boom musical imenso. Graças à Fundec e Tatuí com músicos de auto nível. Principalmente a música instrumental. Mas uma coisa que sempre tivemos muito forte aqui são as bandas de rock. Sorocaba é uma cidade muito eclética. Em 86 tínhamos uma cena muito rica popular. E de lá pra cá vimos um protagonismo muito grande das bandas de rock. Olho da Rua foi uma preparação para outras coisas que aconteceram, como por exemplo o Terra Rasgada. Foi um momento bacana porque todos interagiam. Os artistas

plásticos pintavam os espetáculos de dança que tinha trilha sonora de músicos da cidade. Antes disso tínhamos a Oficina Cultural dos Trabalhadores que era o Teatro Of. Era um espaço mambembe onde juntávamos dinheiro para pagar aluguel. Tudo era feito de maneira improvisada. Foram feitas mostras de teatro. Festival de Poesia Erótica. Era um espaço libertário e eclético onde tocavam bandas de hard rock como as Netas da Demência. Foi uma efervescência cultural que se desdobrou na Grande Otelo e em outras ações. Sorocaba veio do tropeirismo e depois com a industrialização sofreu influência dos imigrantes (Choro, Seresta, Tudo Azul) e depois com mais industrialização vieram às bandas de rock. E hoje a música instrumental está bem forte. E hoje como temos mais acesso a tecnologia as produções já saem com uma

qualidade muito superior e muito profissional. De Oho no Som foi um festival que o Celso Magrão fez no teatro de arena do passo municipal e reuniu bandas como Cilindro Cônico, Carne de PESCOÇO, Os Coisas, Netas da Demência, Cadáver, Lã de Vidro, Efeito Moral, ... Joca Moreno: Tudo isso que vocês falaram eu nunca fiquei sabendo. Não havia um entrelaçamento entre as políticas populares e ainda não há. Há uma tentativa, hoje, de se fazer isso. A cultura na minha época (creio que 60 e 70) era mais a esquerda. Existiam algumas iniciativas, a maioria proposta pela igreja. Havia seresta, cururu, sempre afastado do centro porque no centro vivia a elite e o que existia de arte era por conta das bandas. Não existia comunicação e não existia dinheiro pra comprar instrumento. Essa centralização das atividades culturais se perpetua até hoje e o desdobramento disso foi que os bairros afastados começaram a criar suas próprias manifestações como por exemplo: o Hip Hop. O movimento mais democrático da música, talvez, tenha sido o Tudo Azul. Até hoje pipoca uma seresta aqui ou ali, é a única atividade artística de gente da terceira idade. Temos que separar a arte que é pra população do que a arte que é pra elite. A integração da arte se dá em entender quem é o ouvinte. Não adianta levar a orquestra ao bairro e tocar Brahms. Tem que ir ao bairro e tocar choro.

ZC: Existe uma elite cultural e uma elite do dinheiro. Nem sempre a do dinheiro tem cultura e nem sempre a da cultura tem dinheiro. O que falta no país é educação.

JM: Com 18 anos participei do 1º Festival Recreativo de Sorocaba (Década de 70) Festival de Música Popular. Como aqueles que existiam na TV. Pra entender a cultura popular precisamos saber o que a população quer em termos de cultura.

Maurício: O Carne de Segunda é uma forma muito interessante de troca. É uma mistura muito trabalhada de diversos elementos. Formou-se um cenário muito interessante e complexo. Há 10 anos existia Cilindro Cônico, Decibérros, Banda Coliseu. E tinha outro cenário que é o da banda WRY. Um cenário de circuito underground que tem um potencial de giro.

Marcia Mah: No FEBRE veio um produtor de Natal que fomenta a cena de maneira sensacional.

Carlos Madia: Existe uma cena rock n roll forte que está escondida.

Maurício: Tem áreas do mapeamento que não tem nada, mas não é que não tem nada. É que a comunicação não chega lá. Precisamos levar à séria a arte educação. Precisamos ensinar as pessoas a ouvir.

Marcia Mah: Além da educação temos que ter a atitude de tirar as pessoas de casa e temos que conviver mais. As pessoas são massacradas pela cultura de massa. Temos que pulverizar as apresentações pela cidade. Temos que criar ambientes que sejam prazerosos para as pessoas.

ZC: As ações estão acontecendo as ideias são boas. Falta comunicação, um acompanhamento melhor e uma dedicação exclusiva para cada local.

JM: Sou cético quanto a esse tipo de coisa porque as pessoas só querem saber do celular. O que eu acho mais efetivo é fazer festivais nas escolas (ensino médio) festivais que introduzam pesquisa como processo e que entrem na grade de notas (estímulo) e que haja prêmios como viagens (de pesquisa) ou livro, ...

Marcia Mah: Virada Cultural é um desperdício. Tudo num único dia e de madrugada. Poderia ser mais pulverizados.

JM: Existe música pra alma e música pro corpo. Música pra alma te ensina e te faz questionar. E a música do corpo é a que sai com o banho junto com o suor no final da noite. Eu penso a música como uma ferramenta política.

ZC: Fazer encontros de música de diversos estilos em diversos pontos da cidade. Maurício: Temos que pensar em economia da cultura e dar condições dos atores continuarem trabalhando. A cultura precisa ter uma pedagogia clara. Ela precisa entrar na educação.

Marcia Mah: Ricardo Anastácio tinha um orquestra de viola que era super importante. Era uma aula de como se pensa a viola no Brasil e foi cortado.

ZC: O nosso futuro está nas mãos do jovem.

Maurício: Não é só pai que educa filho. Filho também educa pai. O processo é importante. Com editais começamos a ensinar muito produto e pouco processo. Outro ponto é que está no momento de mudar a LINC. Temos que ter editais específicos.

JM: Sorocaba é uma das pioneiras em música de bar. A nossa música de bar foi muito rica. O problema é que sempre teve um público muito pequeno. Temos a possibilidade de influenciar politicamente nisso. Sessão de perguntas do público

Osmir: Fazemos bastante comunicação nos bairros. Com carro de som e panfletagem. Esse, talvez, não seja o problema.

JM: O McDonalds antes de colocar sua loja em algum lugar faz uma pesquisa. O problema não é a comunicação só. Temos que saber o que fazer e como fazer em cada local. Não é pesquisar o que ele quer ver, é pesquisar como apresentar o que ele precisa ver.

Osmir: É legal essa coisa de vocacionar os espaços.

Carlos Madia: Temos que oferecer uma estrutura decente com som decente com cadeiras decentes.

ZC: Temos que agregar o povo do local ao evento oferecido (feira, artesão, artista, culinária)

Maurício: É diferente divulgar evento de planejar ação cultural no local. Público: Temos um problema sério que é a mídia. Temos que fazer ações contínuas. Uma só visita ao Aparecidinha não vai fazer efeito.

Carlos Madia: Senti falta do pessoal do coletivo para conhecer a história e para criar a possibilidade de interagir cada vez mais.

Osmir: Temos dificuldades com a mídia. Se não pagarmos espaço eles não atendem.

ZC: O que falta para o povo é estímulo. Público: Temos que entender o contexto das comunidades dos alunos e trazer um conteúdo programado para o aluno e a cultura pode ser inserido em qualquer aula.

Cabe a formação do professor. Cabe a política pública fazer com que o professor busque essas alternativas humanizadoras de ensino. Público: Precisa ter uma união maior entre artistas independente da vertente, sem o poder público. Pra alcançar maior espaço. Highlights A viola caipira é um instrumento / movimento que sofre preconceito. Precisamos reverter esse quadro. Pesquisas: De Olho no Som, Olho da Rua, Teatro Off, Terra Rasgada, 1º Festival Recreativo de Sorocaba, Pedro Salomão (Teatro) A centralização das ações de cultura permanecem desde a década de 60. A cultura popular está escondida. Temos que pulverizar as

apresentações para tirar as pessoas de casa, criando um ambiente agradável, que dialogue com o local onde está acontecendo as apresentações. Pesquisar canais de comunicação que funcione nas periferias.

A cultura precisa agir na educação. Isso pode atingir, além das crianças/adolescentes, também os pais. Temos uma cultura de música de bar riquíssima. Daí surgiram músicos excepcionais em Sorocaba. Quando uma ação é feita por muito tempo no mesmo espaço cria-se uma cultura em volta dela. A cultura de massa (mídia) é um grande problema pra cultura popular brasileira. Opinião do Conselheiro É preciso um trabalho de pesquisa in loco pra saber exatamente onde está a música popular (de raiz) brasileira na cidade de Sorocaba. Muito do que foi produzido aqui ainda existe em bares, guetos e igrejas. Precisamos entrar nas escolas. É uma medida urgente. Precisamos trabalhar com a Secretaria de Educação para tentar implantar ações permanentes de arte educação nas escolas. As ações nos bairros devem ser permanentes ou com frequência muito maior do que a que está acontecendo. Deve-se ainda pensar ações específicas para cada bairro sempre levando em consideração a cultura existente ali. Fica cada vez mais claro que a classe artística como um todo precisa criar o hábito de se encontrar longe das instâncias propostas pela Secult.